



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

**“LAVAR ROUPA TODO DIA QUE AGONIA”: ANÁLISE
SOCIAL DO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS
LAVADEIRAS**

João Paulo da Silva¹

RESUMO

A pesquisa em comento tem por finalidade fazer um estudo socio antropológico do cotidiano de mulheres negras que laboram na lavanderia Comunitária do Morro da Esperança. Assim, a luz das práticas sociais presentes na vida das pesquisadas, far-se-á uso de narrativas biográficas, em forma de entrevista aberta, para compreender os processos sociais que construíram estas mulheres e a forma como foram conduzidas a este ofício. Por ser um grupo de mais de 20 mulheres, a pesquisa limitará a análise e coleta de dados a partir da trajetória de vida de 5 (cinco) mulheres negras, que estão há mais de 25 anos como lavadeiras na Lavanderia em estudo. Tal delimitação faz se preciso, pois nas narrativas pessoais destas poder-se-á constatar, para além do ingresso e permanência em atividade doméstica e não regulamentada enquanto profissão com todos os direitos legais, as implicações e percalços de existir, por intermédio de opressões que partem do gênero, vez que mulheres, e da raça, vez que negras. Trabalhar a classe será imprescindível no estudo, vez que a produção de riquezas ocorridas no Brasil deriva de um período escravocrata longo, em que foi permitido a escravização de indivíduos de minorias étnicas. Para se falar de classe, há de se falar de raça em nosso país. Através do uso de interseccionalidades, as sujeitas de pesquisas, em suas narrativas, conduzirão seus diálogos junto a autoras que reservam aos seus campos de estudos a análise da condição e situação das mulheres negras em uma sociedade. Por fim, ao campo teórico, far-se-á uso de epistemologia decolonial com priorização dos saberes produzidos por mulheres negras e autores africanos e latino-americanos, vez que a base do feminismo negro não comporta produção de saberes que pensem um ser universal. O ser universal é um homem, este homem é branco, cristão e em seu pensamento forma outros seres humanos, a partir da concepção do outro. Homens brancos formas “outros”: mulheres, negros, lgbt. Reconheçamos, neste processo de fazer/saber, outros “eus”, a partir de autoras outras.

Palavras chaves: mulheres negras, feminismo, gênero

¹ Mestrando em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e-mail – jpsilva106@gmail.com



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

1 INTRODUÇÃO

O estudo analisará a categoria mulher, com as devidas intercessões de gênero, raça e classe, entre os campos dos Direitos Humanos e das Ciências Sociais, para tentar chegar a raiz circunstancial dos problemas envoltos sobre ser mulher, pobre e negra no Brasil. Desta forma, percorrer-se-á o campo social, a fim de identificar as omissões estatais que deslegitimam indivíduos em decorrência do racismo e do sexismo, como também, questionar-se-á a amplitude do gozo e fruição dos direitos humanos tidos universais, pela análise dos sujeitos humanos não universais.

O campo de pesquisa situa-se em região periférica - Morro da Esperança - na cidade de Teresina-Piauí. A Lavanderia Comunitária do Morro da Esperança foi instalada no antigo Morro do Urubu, ao ano de 1987, em decorrência de política pública municipal que visava conferir melhorias as pessoas que habitavam a comunidade. Deverás, até hoje permanece ao mesmo local da fundação e com iguais instalações.

Ao resumir-se o tema da pesquisa, situar-se-á seu problema, que gira em torno da questão: como a análise social das mulheres negras, que laboram na Lavanderia Comunitária do Morro da Esperança, pode identificar as opressões existentes em suas trajetórias, vez que a estruturação social tem no gênero masculino e branco a dominação

2 OBJETIVOS

O **objetivo geral** pretende investigar as questões sociais que permeiam a existência das mulheres pobres e negras, que laboram na Lavanderia Comunitária do Morro da Esperança por mais de 25 (vinte e cinco) anos. Os **objetivos específicos** pretendidos são: a) Analisar os fatores que dificultam a ascensão socioeconômica das



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

mulheres negras na pirâmide social. b) Identificar os ranços da escravidão presentes nas práticas sociais e no cotidiano das lavadeiras do Morro da Esperança; c) Averiguar a função do Estado, enquanto provedor de ações afirmativas e políticas públicas, que garantam inclusão social e possibilidade de melhoria de vida às herdeiras da escravidão.

3 METODOLOGIA

Com vistas a atingir os objetivos da proposta, efetuar-se-á, em momentos distintos, dois tipos diferentes de pesquisa: pesquisa bibliográfica e empírica. Por conseguinte, para compreensão da realidade social das lavadeiras do Morro da Esperança, é necessário levantar bibliografia que: i) possibilite a sistematização das principais formulações teóricas acerca da categoria mulher, com as devidas intercessões de raça e classe; far-se-á, também, apontamentos sobre ii) os efeitos da escravidão na contemporaneidade e as formas de atuação estatal, no que confere a adoção de ações afirmativas e de políticas públicas que minimizem os efeitos do racismo; por fim iii) adotar-se-á bibliografia que apresente diálogos, no campo dos Direitos Humanos, da Sociologia e da Antropologia sobre: racismo, sexismo e vulnerabilidade social da mulher negra.

A investigação empírica consistirá em estudo etnográfico a ser realizado na Lavanderia Comunitária do Morro da Esperança. Por tratar-se de espaço comunitário que reúne um grupo de mulheres que exercem o ofício de lavar e passar roupa far-se-á entrevista aberta com 5 mulheres negras com mais de 25 anos no ofício de lavanderia na lavanderia em estudo. Adotar-se-á o método narrativa biográfica para entender os pormenores de ser mulher negra no Brasil.

4 DISCUSSÃO



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Em meados dos anos 80 (oitenta), Angela Davis (2017) já convocava a sociedade estadunidense para lutar contra o racismo, na medida em que, para ela “não bastava não ser racista. Era necessário ser antirracista (DAVIS, 2017, p.8)”. As palavras da feminista negra responsabilizavam aqueles que, não afetados pelas mazelas que a discriminação racial acarretava, ficavam silentes na luta por igualdade de direitos, baseados em critérios de gênero, raça e classe.

A colonização europeia justificou a dominação dos povos baseado em critérios étnico-raciais. De acordo com Quijano (2009), o colonizador europeu construiu a ideia de sobreposição de raças, ao tempo em que, ao descobrir e explorar suas colônias, fez uso da força de trabalho de negros e índios, como critério de afirmação de sua superioridade. Destarte, os ranços da diferenciação dos humanos por critérios de gênero e raça persistem, como reforço da ideologia de dominação estabelecida por aquele que ainda se encontra no topo da pirâmide social: o homem branco.

Os direitos humanos são direitos que apesar de absolutos são limitados, em virtude dos conflitos de interesses que impedem a sobreposição de uns sobre os outros. No entanto, conforme Bobbio (2008), apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) ser produto do Ocidente e de alguma forma desconsiderar diferenças culturais de outros países, a escravidão e a tortura são direitos que não devem ser limitados por nenhum outro direito, uma vez que tais práticas são proibidas e inadmissíveis no âmbito de qualquer nação.

O trabalho escravo reinou dentre o Brasil Colônia e Império e seus reflexos estruturais atuais são frutos da colonização portuguesa, que consoante Gilberto Freyre (2002), estabeleceu um país escravocrata, patriarcal, rural e que, à República, manteve boa parte do povo negro preso a execução das mesmas funções desempenhadas enquanto escravos. O governo brasileiro foi negligente ao não conferir aos negros



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

políticas públicas inclusivas que minimizassem os efeitos de mais de um século de escravidão. Tal situação, na contemporaneidade, ainda desnivela as oportunidades sociais entre branco e negros. No campo de estudo da mulher negra, somada a opressão de raça, acrescenta-se o critério do gênero, fatores que duplamente a aprisiona em um não lugar social.

Neste viés, o tema conduz, inexoravelmente, para um caminho analítico onde desigualdade de gênero, racismo, herança escravocrata e sexismo são evidentes na considerada a outra: a mulher negra. Simone de Beauvoir (1980) trabalha com a categoria da mulher por intermédio de uma ótica masculina. Desta forma, confina-se os comportamentos sociais femininos a partir de concepções pré-definidas pelo ser humano masculino. Grada Kilomba (2010), ao fazer uso das distinções sociais pelo gênero, acrescenta o critério da raça, para assim pensar a mulher negra como sujeito que mais sofre os impactos sociais de exclusão. A autora classifica as mulheres negra como: “os outros dos outros”.

A forma de trabalho coexistente na Lavadeira do Morro da Esperança carrega a herança escravocrata da execução dos serviços tidos domésticos pelas mulheres negras e reforça a estática mundial que aloca o Brasil² como país do mundo com o maior número de empregadas domésticas, estas, em suma maioria, mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os debates sobre sexismo e racismo são necessários para além do campo acadêmico, uma vez que evidentes socialmente em situações cotidianas. Nos supermercados das zonas com poder aquisitivo da cidade qual raça compra e qual raça

² Informações obtidas em reportagem veiculada na BBC News Brasil; link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

serve? Em parquinhos e espaços de lazer de que cor são as babás? Qual a cor das empregadas domésticas? Em restaurantes, ao se olhar ao redor, quem consome e quem serve? A cor da pele, infelizmente, ainda estabelece critérios de classificação social e posiciona os indivíduos, por intermédio da cor, dentre os espaços de poder.

É fundamental acrescentar nos diálogos de gênero as categorias raça e classe. Em virtude da necessidade de se pensar os direitos humanos para além das fontes estatais, a escolha da temática resulta da prioridade em se trazer ao campo acadêmico propostas que denunciem violações de direitos humanos naturalizadas na convivência social, uma vez que o trabalho das lavadeiras do Morro da Esperança beneficiam aqueles que estão bem posicionados nos espaços de poder. Consequentemente, repete-se a fórmula: negros servientes/ brancos privilegiados.

É necessário tratar da humanidade negada ao povo negro por gerações e tão naturalizada no seio social. É urgente a especificação das lutas das mulheres negras pelo reconhecimento de seus direitos humanos, em virtude da batalha constante contra o sexismo e o racismo. Convém inédita a proposta, por tratar-se de cenário pouco usual para pesquisa empírica (uma lavanderia comunitária no Nordeste), além de abordagem temática ainda pouco difundida no campo acadêmico.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 4ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena. 11ª edição. Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na->



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero. Acesso em 07/08/2018.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Revista Estudos Feministas, nº1. Universidade Católica de Salvador, 2002.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1.ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Mulheres, cultura e política**. 1.ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Mulheres, raça e classe**. 1.ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Editora Edufba, 2008

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50ª edição. São Paulo: Editora Global, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Rev. TB. Rio de Janeiro, 92/93; 47/68, jan-jun., 1988.

HERRERA FLORES, Joaquín. **A (re) invenção dos direitos humanos**. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas, nº2. Florianópolis, Brasil., 1995.

KILOMBA, Grada. **“The Mask” In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Traduzido por Jéssica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

LAGE, Allene Carvalho. Silva, Emanuely Arco Iris. **É possível democratizar a ciência? Reflexões sobre a contribuição da epistemologia feminista para pensar além da ciência sexista**. Realis: Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais, v. 4, p. 84-97-97, 2014.

LORDE, Audre. **Não existe hierarquia de opressão**. Tradução Renata. São Paulo: Portal Geledés, instituto da mulher negra, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao>. Acesso em 12/08/2018.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

LYRA FILHO, Roberto. **O que é direito**. 12ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. Clacso, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala**. 1ª edição. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Direitos humanos o desafio da interculturalidade**. 2ª edição. Revista Direitos Humanos, 2009.

WENTZEL, Marina. **O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo**. BBC Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>. Acesso em 04/08/2018.